

DF-Clima

A CIDADE NÃO É O FIM DO MUNDO

Ricardo Mendes e Tais Braga
Da equipe do *Correio*

Todo ano, quando chega a seca no Distrito Federal, sobram comparações entre o clima da capital brasileira e os desertos do mundo. Na verdade, trata-se de exagero. Diante das condições climáticas do Saara, na África, e do Atacama, no Chile, o tempo que racha os lábios dos brasilienses é refresco.

Se a estiagem de 88 dias em Brasília já incomoda, o que dizer de 1.500 anos sem chuvas? Isso ocorreu no local mais seco do planeta, o deserto de Atacama. São 1.300 km² ao noroeste do Chile. Acredita-se que nenhuma

gota choveu ali entre os anos 400 e 1971 da nossa era. A secura do Atacama é tanta, que obriga os meteorologistas a medir a quantidade de chuva de uma forma diferente. Em vez de anos, contam-se décadas.

Em Brasília, por exemplo, registra-se uma média de 1.552,1 milímetros (mm) de chuva por ano. Isso equivale a 1.552,1 litros de água vinda dos céus para cada metro quadrado do território (cada milímetro registrado no pluviômetro corresponde a um litro de chuva por metro quadrado). No deserto chileno, com 1,3 mil km² de área, a média é de 0,6 mm a cada 20 anos. Resumindo: são necessários quase sete anos para que chova o equivalente a um copo d'água (200 ml) por metro quadrado.

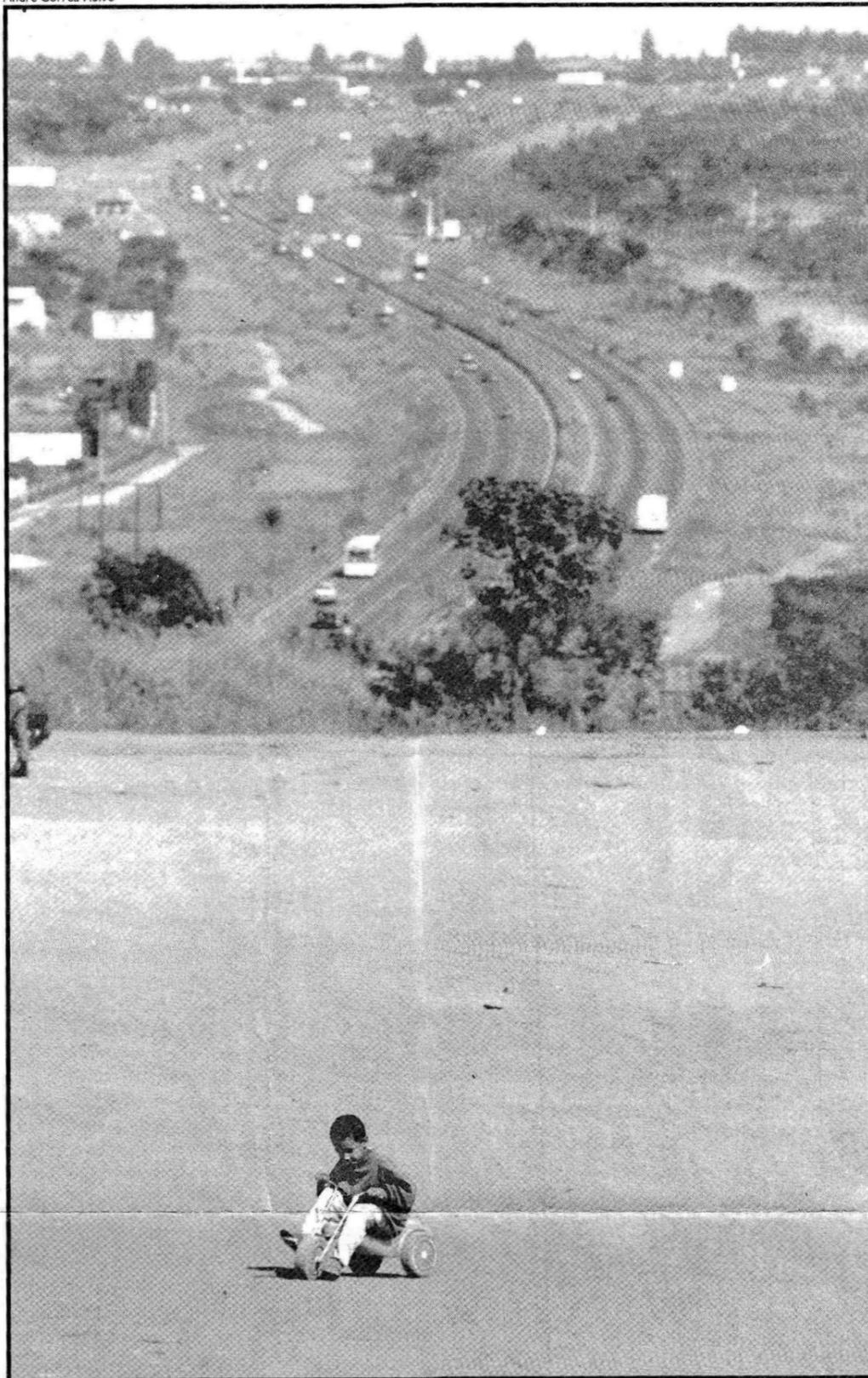
Os desertos não são definidos pela umidade relativa do ar, e sim pela quantidade de chuva. Regiões chamadas de desérticas costumam apresentar precipitação anual inferior a 250 mm. E são comuns na Terra. Aproximadamente um sexto das terras do planeta é ocupado por desertos. A maioria deles fica entre os trópicos.

O maior de todos é o Saara, com 8,6 milhões de km², ao norte da África. Em extensão, supera o Brasil. Lá, a desolação é a mesma há 5 milhões de anos. A precipitação anual varia entre 20 e 200 mm.

O homem só passou a se aventurar nas areias do Saara, em populações nômades de pastores e comerciantes, poucos anos antes da era cristã, graças à domesticação do dromedário, animal que suporta bem uma semana sem beber água.

Teimosa, a vida encontra formas de se multiplicar

André Corrêa 7.5.96



Dias quentes e noites frias, ventos, poeira, secura. Brasília tem tudo isso e muita gente vive bem

mesmo em ambientes desérticos. No Saara, antílopes são capazes de elevar a temperatura do corpo em até 8 graus Celsius para se aproximar da temperatura externa. Com isso, suam menos e perdem menos água.

A secura do Atacama também tem sua biodiversidade: 145 das 160 espécies de cactos existentes no mundo são encontradas no deserto chileno. Os indígenas do vilarejo de Caspana, a uma altitude de 3.260 metros, aprenderam a cultivar alimentos em terraços feitos com pedras, fazendo com que a água usada para regar uma lavoura escorra para a plantação do terraço inferior.

A falta de chuvas em um deserto não significa necessariamente que não haja água. Pode ser que ela esteja escondida. No Saara, oásis são formados por água que se infiltra nas rochas em um ponto longe das dunas para aflorar centenas, milhares de quilômetros

depois. No deserto de Gobi, na Mongólia, a água subterrânea é um perigo maior que o clima para os animais: provoca uma grande ocorrência de areias movediças.

EXAGERO CANDANGO

Muita gente que chega a Brasília pensa mesmo que aqui é algo parecido com os desertos do mundo. A bancária Débora Soares, 36 anos, por exemplo, deixou de achar que as histórias sobre a seca de Brasília fossem exagero candango. "É tudo verdade! Ver a cidade com a grama queimada, as árvores sem folhas, o horizonte amarelo, é chocante", diz a maranhense, que chegou há uma semana. "Na primeira noite, não dormi por causa do desconforto. Na segunda, coloquei um balde de água e consegui dormir. O que incomoda mesmo é o vento seco."

Boliviana, Marta Vilela, 52

anos, mora há 10 anos na cidade. "Nos últimos cinco anos comecei a me acostumar ao clima, mas tomo todos os cuidados. Desde usar umidificador a espalhar toalhas molhadas". Logo que chegou, assustada com a seca, Marta carregava uma garrafa com água para dar aos filhos pequenos. Numa ocasião, assistia a uma peça de teatro e o enredo começava na platéia, com uma pessoa pedindo água. "Levantei-me e ofereci a água da garrafa. Não sabia que estava dentro do espetáculo. Só me dei conta por causa das gargalhadas", lembra.

De passagem por Brasília, a compositora Natália Adami, 20 anos, vem sofrendo com a seca nos últimos três dias. A baiana, que visita amigos na cidade, conta que já passou maus bocados. Põe sangue pelo nariz, os olhos ardem e suas madrugadas são "muito longas".

NA BOCA DO POVO

MAL-ESTAR

Como a seca afeta sua vida?

RENATO LOURIVAL SANTOS DA SILVA
19 anos, estudante



"Fico com a garganta seca e tenho mais facilidade para gripar. Os lábios também

ficam rachados. Bebo muita líquido e não pratico esportes sob sol forte. Tive que mudar o horário para mais cedo ou no começo da noite"

LINDIFÁTIMA AMORIM
38 anos, servidora pública



"O principal problema é a pressão (arterial) que sobe. Isso me dá dor de cabeça. A

secura me deixa muito ansiosa e nervosa no dia-a-dia. Para amenizar os efeitos da secura, uso roupas leves e tomo muito líquido todos os dias"

MÁRCIO MIRA
28 anos, mágico



"Tenho uma saúde muito boa. Não fico doente por quase nada. E não tem mágica para

reverter a secura. Mas tomar muita água e uma cervejinha de vez em quando, para matar a sede, ajuda a diminuir a secura"

SEBASTIANA SOARES
59 anos, aposentada



"Não muda minha vida. É pior para a fauna e a flora do nosso cerrado. A secura

provoca incêndios que destroem a natureza. Não é ruim só para mim. Todos nós sofremos com isso"

COMO SE MEDE

A umidade relativa do ar no DF é medida por meio do psicrômetro. O aparelho consiste num conjunto de dois termômetros mantidos num abrigo de madeira que o protege da incidência direta do sol. O abrigo é bem ventilado e mantido acima do solo (1,5 metro) para se ter maior precisão. O resultado vale para um raio de 150km.

